

Projeto Confi-Arte I +Arte-Cidadania: O que pode a educação para a cidadania global aprender com as Artes?

**Rita Gomes da Silva Basílio¹
e Ana Catarina Mateus Monteiro²**

¹ IELT – NOVA-FCSH

CIEBA - Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa

² Escola Superior de Educação e Comunicação - Universidade do Algarve

CIDTFF - Universidade de Aveiro

Resumo

Apresentam-se, de forma sucinta, as linhas orientadoras, metodologias e resultados do projeto exploratório «Confi-Arte|+Arte-Cidadania» (apoiado pela DgArtes em 2021-2022). Foram desenvolvidas 34 «oficinas re-criativas», de formação-ação, acompanhamento e monitorização em 16 diferentes localidades do país e no exterior, que levaram à realização de 47 projetos de Arte-Cidadania e ao envolvimento de 1557 participantes de todas as faixas etárias (dos seis meses aos 96 anos).

Fundamentado na Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania e em vasta bibliografia no que concerne à aplicação de metodologias ativas, tanto de educação artística e literária, ativismo e estudos intermediais, quanto de 'trabalho de projeto', de escopo pluridisciplinar, o Confi-Arte não visa o ensino das Artes (incluindo, naturalmente, a Literatura) enquanto áreas de estudo com especificidades próprias, o que propõe é a defesa de um espaço/tempo híbrido (dentro da escola e fora dela) onde o livro e as diferentes formas de manifestação artística devêm agentes desencadeadores de um pensar-fazer dialógico, imprescindível ao processo de formação e desenvolvimento do sentido crítico, empático, livre e criativo dos intervenientes.

Orientado e (in)formado pelas propostas educativas de Elliot Eisner (2004) e influenciado pelo estudo do legado poético de Manuel António Pina, o projeto Confi-Arte conclui que o encontro das artes com mecanismos e estratégias de pesquisa e de problematização dialogante e metarreflexiva em torno das grandes temáticas de Cidadania é, não só incontornável, como extremamente estimulante, no processo de desenvolvimento de competências globais de todos aqueles que são (desde que nascem) cidadãos do século XXI.

Palavras-Chave: Artes; Educação; Cidadania Global; Pensamento crítico; Intervenção.

Introdução

Num mundo em profundas transformações sociais, marcado por uma revolução tecnológica, sem precedentes, que influi sobre o sistema educativo e as competências tradicionalmente tomadas como escolares, entendemos que a criatividade, informada por uma consciência global de valores de cidadania intercultural, ambientalmente consciente e empenhada na reconceptualização dos modos de vida consumistas e utilitaristas a que nos acostumámos, será uma das principais competências a promover neste século.

Face ao que entendemos como um constrangimento ao nível educativo, expresso, por um lado, por um mundo em profundas transformações tecnológicas, com uma aproximação planetária vertiginosa entre indivíduos e culturas, que exerce uma enorme pressão sobre o sistema educativo, no sentido de dar resposta à diversidade das necessidades dos estudantes atuais e futuros, e, por outro lado, marcado por um sistema institucional regulado por grades curriculares clássicas, com disciplinas estanques, com Programas Nacionais próprios e objetivos pré-definidos e dirigidos pela e para a realização de testagens, surgem os questionamentos que integram e orientam as ações que dão corpo a este projeto e o desejo de lhes dar resposta: Será possível desenhar dentro da escola,

mas voltado para o fora dela um lugar destinado a fazer perguntas que levem cada estudante a encontrar os caminhos das suas próprias questões? Um lugar destinado a demandas indisciplinadas, motivadas pela curiosidade e pela troca de experiências intergeracionais e entre pares? Um lugar de convergências experienciais e metarreflexivas sobre as grandes temáticas (e problemáticas) de Cidadania Global? Será possível aliar mecanismos de promoção e de desenvolvimento da criatividade, da autoexpressão e da consciência-de-si com as experiências, os saberes, o fazer e o pensar de/para o Outro? Será possível promover um lugar para a aprendizagem do «pensar-fazer» e do «pensar do cuidar», do cuidado e do cuidar ao pensar?

Convocando o título da obra de Bernard Stiegler (2018) *Qu'appelle-t-on Penser? Au-delà de l'Entropocène*, que nos remete para o pensamento filosófico da desconstrução de Derrida, António Nóvoa chama a atenção para a importância do jogo de palavras a que Stiegler recorre para dar forma ao seu próprio pensamento sobre o «pensar», esse que a contemporaneidade, em tempos de «imensa regressão», nos exige:

'Penser' com 'e' é pensar, mas com 'a' é fazer um curativo. Esse jogo de palavras funciona em português, porque temos o pensar das ideias e o pensar de colocar um penso, um curativo, o

pensar do cuidar. Isso é absolutamente essencial para a escola do futuro: ter as dimensões cognitivas e de empatia, de curar, cuidar, tratar. (Nóvoa, 2021, destaque nosso)

É urgente criar espaços de diálogo e formação (formal e não formal) que nos abram aos encontros que se tecem entre o pensar, o cuidar e o cuidado. Tudo na vida são encontros, bons e maus encontros – lembra-nos Deleuze, em diálogo com Claire Parnet (2008). O Confi-Arte faz parte dessa aposta – conjunta e colaborativa – que visa criar espaços de convergência educativa, onde haja tempo para explorar e ensaiar «as dimensões cognitivas e de empatia, de curar, cuidar, tratar» – de si, do Outro, de «nós» enquanto humanidade já consciente dos seus erros humanistas e apta a reimaginar os nossos futuros juntos (UNESCO, 2021) –, é nisto que confiamos.

O projeto que apresentamos é só um fio entre as inúmeras linhas que nos entrelaçam e conectam uns aos outros, local e globalmente, compondo um tecido de ações que fazem da colaboração o próprio movimento que tece a possibilidade de descobrirmos – juntos – melhores formas de vida.

Passo a passo

Recorrendo ao trabalho de projeto (cf. OECD, 2020), enquanto metodologia que promove não apenas a motivação e o envolvimento dos estudantes na conceção, realização, análise e revisão de projetos que articulam saberes interdisciplinares (promovendo a transferibilidade das aprendizagens, readaptadas a cada situação), o Confi-Arte procura contribuir para um desenhar de caminhos, entre os vários percursos possíveis, capazes de sensibilizar e encaminhar os estudantes ao reconhecimento – consciente e criticamente valorativo – do papel insubstituível que as artes, o património cultural (material e imaterial) e a cultura digital desempenham nas conjunturas políticas e socioeconómicas que regem as sociedades do século XXI.

É por esta via que nos deixamos orientar pelo repto de Eisner (2004), que, alinhado com o pensamento de Sir Herbert Read (entre outras vezes), nos convoca a nunca deixar de refletir sobre o que pode a Educação aprender (ou o que importa que realmente aprenda) com as Artes e a dar continuidade ao movimento de reconfiguração das práticas e da própria realidade educativa em que acreditamos:

I am not sure we can tinker towards Utopia and get there. [...] What we can do is to generate

other visions of education, other values to guide its realization, other assumptions on which a more generous conception of the practice of schooling can be built. That is, although I do not think revolution is an option, ideas that inspire new visions, values, and especially new practices are. [...]

The contours of this new vision were influenced by the ideas of Sir Herbert Read [...] He argued, and I concur, that the aim of education ought to be conceived of as the preparation of artists. By the term artist neither he nor I mean necessarily painters and dancers, poets and playwrights. We mean individuals who have developed the ideas, the sensibilities, the skills, and the imagination to create work that is well proportioned, skillfully executed, and imaginative, regardless of the domain in which an individual works. The highest accolade we can confer upon someone is to say that he or she is an artist whether as a carpenter or a surgeon, a cook or an engineer, a physicist or a teacher. (Eisner, 2004, p. 4, destaque nosso)

A citação mais longa serve-nos para não esquecer que existem sempre vias de disrupção, de desvio e de resistência aos movimentos dominantes, caminhos que nos abrem a novos modos de agir e de pensar. Esta é (mais) uma das lições que podemos (e queremos!) aprender com as Artes.

Tornou-se há muito evidente o “triste paradoxo” que caracteriza, pelas palavras de Maalouf (2019), o nosso século, aquele em que temos tudo ao nosso alcance, em que “nous avons les moyens de débarrasser l’espèce humaine de tous les fléaux qui l’assaillent, pour la conduire sereinement vers une ère de liberté, de progrès sans tache, de solidarité planétaire et d’opulence partagée”, mas que é marcado por relações de afastamento e (in)diferença, por guerras e confrontos, por intolerâncias e injustiças, e eis que, face aos recursos que nos permitiriam caminhar para a paz e para a solidariedade mundial, nos vemos, afinal, “lancés, à toute allure, sur la voie opposée” (p. 7).

É porque nos sabemos cada vez mais conscientes de que vivemos num tempo em que as transformações político-sociais, aceleradas pela rapidez de um desenvolvimento tecnológico sem precedentes na história da humanidade, podem vir a atropelar aquilo em que realmente acreditamos, que não podemos deixar de resistir e de continuar a entender a Educação como uma «Utopia necessária» (Delors et al., 1996). Acreditamos que é através da criação de redes de colaboração e de diálogo, de partilha e de discussão de ações que nos interconectam, que se efetiva, a cada vez «gota a gota»¹ essa contínua e incondicional aprendizagem do «Viver Juntos», em/pela Paz, desenhando caminhos que reconceptualizam os nossos mapas

emocionais e mentais e nos afastam do que nos incompatibiliza ou separa.

O Confi-Arte e os ODS

Lançando linhas que nos encaminhem na direção de um mundo mais solidário, articulado com o meio envolvente (cf. Dewey, 1916)², baseado no respeito pelos direitos humanos e pelos princípios da igualdade e da justiça, o Confi-Arte foca-se em temáticas-chave no âmbito da cidadania global, que se articulam com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), preconizados na Agenda 2030 (United Nations, 2015). Enquadrado no ODS 4 – Educação de Qualidade, este projeto procura articular teorias e práticas de educação que garantam a inclusão, a equidade e a justiça, implicando os vários atores educativos numa reflexão conjunta sobre as competências de cidadania global que

a contemporaneidade nos exige, mobilizando-as na construção de novos caminhos pedagógicos, no sentido de dar resposta (sempre contextualizada) às necessidades implicadas no próprio processo de aprendizagem para o «global», termo que imbrica, mais que nunca, na urgência de ter, como principal foco formativo, o desenvolvimento de literacias múltiplas³, assim como de competências promotoras da avaliação crítica da ação responsável dos sujeitos no mundo, que é herança de todos.

¹ Tópico aglutinador do 35.º Encontro da APECV: “Gota a gota – Estórias das artes na educação”, que decorreu em Odivelas, Lisboa, de 12 a 14 de maio de 2023 (cf. <https://www.apecv.pt/35-o-encontro-da-apecv-2023/>).

² A obra de Dewey traz-nos contributos fundamentais para procurar dar resposta às perguntas que são as do nosso presente. Fica esta certeza: seja em 1916, seja em 2023, a Vida será sempre «a self-renewing process through action upon the environment» (Dewey, 1916, p. 2).

³ As literacias múltiplas são, aqui, tomadas como competências fundamentais à vida, promotoras de «capacidades de reflexão, expressão oral, espírito crítico e empatia, e impulsionando a evolução pessoal, a autoconfiança, um sentido de identidade e a plena participação numa economia e sociedade digital e do conhecimento» (Conselho da União Europeia, 2012).

Destacamos, nessa linha motriz, algumas das temáticas trabalhadas com todos os intervenientes ao longo desta primeira etapa do projeto Confi-Arte: a interculturalidade e os direitos humanos, articulados com os ODS 4, 10 e 16, ao nível da promoção da equidade, da justiça, da solidariedade e da paz, valorizando a riqueza do pluralismo de perspetivas e visões que advêm da nossa singular diversidade, dando voz a todas as vozes que convergem, em unísono, com as palavras de Jacques Delors (1996) “Learning to live together, learning to live with others”; a igualdade de género, articulada com os ODS 4 e 5, advogando que a igualdade de direitos humanos tem na base o dever de respeitar a singularidade do que nos diferencia, incrementando o sentido de autoestima e a autoconfiança, repudiando qualquer forma de violência e defendendo uma efetiva igualdade de oportunidades e de participação social; e o ambiente e sustentabilidade, articulado com os ODS 4, 11, 12, 13, 14 e 15, promovendo a defesa e proteção da Terra e dos Oceanos, da fauna e da flora, colocando os indivíduos em articulação com o meio envolvente, desenvolvendo neles uma consciencialização crítica sobre as ameaças ambientais e levando-os a tomar uma posição ativa e interventiva sobre o ambiente, sobre a preservação e defesa do património natural e cultural, que se interconecta sempre, porque faz parte dele, com o planeta em que habitamos. «Não há fora do texto», sublinha Derrida (1967, p. 227), lembrando-nos

que o modo como pensamos e dizemos o mundo interfere diretamente nos modos como agimos nele.

Confi-Arte – a Cidadania e a Arte

Centrado na indagação, exploração e (re) descoberta de conexões entre a cidadania e as artes através da dinamização de projetos de cariz híbrido e problematizante, o Confi-Arte não se reconhece (nem tem pretensões a tal) como um projeto de educação artística ou pela Arte, atuando, antes, no cruzamento de diferentes campos de saber culturais, linguísticos, artísticos, científicos, tecnológicos com vista ao desenvolvimento de competências de cidadania global.

O Confi-Arte não se enquadra em nenhum campo epistemológico disciplinarmente circunscrito, todavia e importa frisá-lo – toma, como quadro orientador da sua intervenção formativa, a Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania, cujas «Linhas Orientadoras» partem daqui:

A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade

que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social. Enquanto processo educativo, a educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo.⁴

O Confi-Arte rege-se, neste sentido, pelos documentos de referência da Educação para a Cidadania, que nos conectam com todas as vozes, povos e países que se unem em defesa de «valores e direitos universais», assumidos como porta de acesso à existência digna e à sustentabilidade do Planeta que, esse sim, é – global e incontestavelmente – a única casa que nos acolhe a todos.

Todavia – e é esta a nossa perspetiva de investigação-ação e a proposta que pomos aqui em debate – consideramos que a Cidadania não se ensina. Desenvolver competências globais implica criar situações de complexidade que exijam respostas transformadoras expressas em atitudes, comportamentos, conhecimentos e valores. É neste sentido que consideramos que a Cidadania não se ensina, a Cidadania

pratica-se, experiencia-se, exercita-se, vive-se. Educar para a Cidadania na Escola (e fora dela) exige-nos – e é esta a proposta do Confi-Arte – a criação de um lugar com tempo próprio (será utópico desejá-lo?) que parta de perguntas e não de respostas dadas, um lugar onde todos nós podemos descobrir o que, talvez, só as artes nos podem ajudar a aprender: que há muitas formas de pensar e muitos meios de tornar manifestas as nossas escolhas, as nossas dúvidas e inquietações, há muitos modos de questionar e de reconceptualizar as visões do mundo que nos (in)formam (cf. Eisner, 2004).

Num sentido amplo, poderemos dizer que a cidadania de que falamos é a que nos dá – a cada um de nós: humanos e não humanos, incluindo o Planeta – o «direito a ter direitos». O Confi-Arte parte, portanto, da confiança (daí o jogo de palavras que dá nome ao projeto) de que educar para a Cidadania (fora do seu enquadramento estritamente jurídico) é fazer já parte de um percurso de aprendizagem orientado (ao longo da vida) pela ideia – tão irrealizável quanto incondicional – de Democracia. A Democracia por vir⁵, nos termos do filósofo Jacques Derrida, não é um sistema ideológico acabado, fechado em si mesmo; é o facto de estar sempre por vir que nos solicita e exige uma continuada reinvenção e redefinição, crítica e interventiva, dos próprios propósitos que a regem e regulam, a cada aqui e agora.

⁴ Cf. <https://www.dge.mec.pt/educacao-para-cidadania-linhas-orientadoras-0>

⁵ Mallet, Marie-Louise (dir.). (2004). *La Démocratie à venir – Autour de Jacques Derrida*. Paris: Éditions Galilée.

O que pode a educação para cidadania global aprender com as artes?

No famoso artigo «What Can Education Learn from the Arts about the Practice of Education?», Elliot Eisner (2004) mostrou-nos o caminho. No momento em que nos desafia a conceber o objetivo da educação como uma «preparação de artistas» (p. 4), Eisner abre-nos a porta à possibilidade de pensar de outras maneiras as práticas educativas a que nos dedicamos, os seus propósitos e alcance. Educar para a Arte, como educar para a Cidadania ou educar para a Democracia, não é da ordem da transmissão de conhecimentos pré-programados, funcionais ou utilitaristas, dirigidos por métodos rígidos, com resultados calculáveis, previsíveis e mensuráveis. Não são as palavras «utilidade, eficácia, controle, uniformidade» que interessam a uma educação que toma a capacidade de pensar com artes como processo performativo que desencadeia o desenvolvimento de competências globais (em todos nós).

Foi a partir da análise das «seis lições» descritas por Eisner no artigo citado que fomos levados a formular uma questão que não pode prescindir da sua paradoxal complexidade quando falamos de educação para a Cidadania: como se ensina o que não se ensina? Ou, noutros termos: como se ajuda a aprender o que ninguém pode ensinar? A estas perguntas só se aprende a responder fazendo.

É no contexto de uma educação focada na formação para a Cidadania, para o desenvolvimento de competências globais, para a Arte na imponderabilidade dos caminhos por aí se abrem, que trazemos ao palco das nossas próprias práticas de investigação-ação o diálogo com as Obras de Artistas cujas preocupações – estéticas e éticas – são já formas de dar resposta às solicitações que o presente lhes dirige.

Neste sentido, a opção pelas artes literárias, visuais, plásticas, audiovisuais e design como áreas de qualificação e de intervenção nucleares no processo de desenvolvimento de competências globais justifica-se pelo facto de ser objetivo maior do Confi-Arte poder contribuir, a par e em rede com os vários agentes e projetos que se regem pelos mesmos princípios e propósitos, para incrementar e desenvolver uma literacia visual e linguística abrangente e pluridisciplinar, potenciadora de uma maior consciência cultural e de uma maior capacidade de participação e de intervenção cívica, crítica e criativa, promovida no cruzamento reflexivo com o campo da Cidadania Global, em consequente interconexão com os ODS (BCSD Portugal, 2022; United Nations, 2015).

As artes como agentes performativos no desenvolvimento de competências globais

The arts also help us learn to say, show, and feel what needs to be said, shown, and felt, helping to advance the horizons of knowing, being, and communicating in and beyond the arts. (UNESCO, 2021, p. 73)

Partimos desta epígrafe, do *Novo Contrato Social para a Educação*, para fundamentar a urgência de uma educação intercultural e para os direitos humanos, promovendo a resolução de conflitos e uma coexistência pacífica entre os seres, assente na solidariedade e na justiça social. A formação nesse âmbito traduzir-se-á na preparação de cidadãos críticos e socialmente interventivos e, consequentemente, no exercício de uma cidadania ativa (cf. Guilherme, 2023). Este novo paradigma educacional, proposto neste reimaginar dos nossos futuros em uníssono, realça que “arts also help us learn to say, show, and feel what needs to be said, shown, and felt”, num processo de autoconscientização identitária e de intervenção social, que contribui “to advance the horizons of knowing, being, and communicating in and beyond the art” (UNESCO, 2021, p. 73), direção que se revela fundamental no estabelecimento de caminhos, interiores e exteriores, que permitam (e nos

permitem) conhecer, conectar, transformar e re-criar um mundo mais sustentável e mais solidário.

Nesta linha de ação e tomando, com Matos e Melo-Pfeifer (2020), a educação pelas artes como um meio de formar e de transformar os indivíduos e as sociedades, advoga-se o seu importante papel na educação para a cidadania e, consequentemente, para a justiça social, a solidariedade e a paz. O recurso às artes potencia a reflexão, o pensamento crítico, a consciencialização cultural e a valorização da diversidade, contribuindo para a promoção de uma convivência pacífica entre seres com diferentes origens, repertórios linguístico-culturais e mundividências.

As artes contribuem, no modo como são entendidas no presente projeto, para abordar, de forma criativa, a reflexão sobre a cidadania global, através de atividades colaborativas que fomentam a autonomia, o desenvolvimento das relações interpessoais e interculturais, a empatia, o respeito pela natureza e a participação social, no sentido da promoção da justiça e da solidariedade. Conduzindo, nesse sentido, e pela educação, a um desvelar do mundo, conducente à transformação e à libertação (Freire, 1985).

As potencialidades das artes no acesso à intersecção de múltiplas representações, na

partilha de experiências e de perspetivas múltiplas, assim como na promoção da criatividade, são reconhecidas pela UNESCO, que realça o potencial para transformar o futuro dos currícula articulados com a expressão artística. Considera-se, por esta via, que a educação pelas artes contribui para promover competências complexas, apoiar a aprendizagem social e emocional dos estudantes, através de “new languages and means through which to make sense of the world” (UNESCO, 2021, p. 73), potenciando as suas habilidades no acesso às experiências da alteridade, difundindo interpretações alternativas do mundo e reforçando a noção de identidade coletiva. São por isso convocadas, pelo projeto Confi-Arte, metodologias das várias áreas da educação e da cultura artística, literária e digital com vista a salientar e a fortalecer o papel e a imprescindibilidade que as próprias formas de expressão/interpretação desempenham no desenvolvimento do pensar-fazer, do aprender a integrar, a participar e a interagir no mundo.

Nesse sentido, e reconvocando Eisner, entre os tantos filósofos, educadores e ensaístas que se dedicaram a pensar a relação entre Educação e Arte⁶, defendemos que as artes têm um papel educativo realmente transformador — de práticas, de pessoas e, é sempre esse o desejo, do mundo —, que é potenciado pelo estabelecimento de redes colaborativas e criativas

⁶ E.g., John Dewey (1916), Maxine Greene (1973), Howard Gardner (2006), Ken Robinson (2009), entre outros.

que nos entre/interlaçam local e globalmente. Explora-se, assim, pelos vários campos das artes, da cultura patrimonial, científica e digital, uma dimensão formativa pluridimensional que empodera os sujeitos e fortalece o poder formativo de cada uma das suas ações.

As Oficinas Confi-Arte

Almejando a sensibilização dos diferentes atores educativos (e das instituições que os acolhem) para a importância da existência de um espaço educativo de cariz indisciplinar, em articulação com o Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória (promulgado pelo Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho), as oficinas Confi-Arte destinam-se à discussão e partilha de diferentes modos de explorar metodologias de aprendizagem transformadora — laboratorial e ensaística através de projetos colaborativos, desafiando todos os intervenientes envolvidos a serem, eles próprios, os agentes interventivos e criativos do processo de promoção e desenvolvimento de competências globais orientadas para a construção de caminhos de sustentabilidade social, económica e ambiental.

Neste primeiro ciclo de investigação-ação Confi-Arte (2021-2022), foram realizadas 19

ACD, 15 Sessões Informativas e 14 Sessões de Monitorização e Acompanhamento, processo do qual resultou o desenvolvimento de 47 projetos, que envolveram 1557 participantes, dos 6 meses de idade aos 96 anos.

À medida que o projeto foi sendo divulgado entre os parceiros, verificou-se, um aumento — inesperado — da solicitação das oficinas em várias escolas do país. O projeto foi implementado em 6 distritos diferentes e 16 localidades, e, ao nível internacional, em Cabo Verde e em São Tomé e Príncipe, tendo, como público alvo, estudantes de diferentes idades e níveis de escolaridade.

Confi-Arte

um percurso em aberto

A primeira etapa do projeto ConfiArte (2021-2022) culminou na realização de exposições coletivas, das quais resultará um catálogo a editar no final do ano de 2023. Algumas das exposições tornaram-se itinerantes, nomeadamente os trabalhos de projeto «Livros A@to» e «LixArte», o que se revelou determinante para a garantia da continuidade do projeto.

Nesse sentido, e procurando instituir-se, a longo prazo, como um recurso disponível para

apoiar os docentes e agentes culturais e educativos na criação dos seus próprios dispositivos de intervenção, adequados às suas práticas e contextos, o Confi-Arte pretende alargar horizontes, fazendo convergir as suas linhas de pensamento e ação com as de novos parceiros e colaboradores internacionais.

Para além do site que reúne os resultados empíricos da etapa exploratória do projeto [<https://confiarte.weebly.com/>], sairá em breve o Kit «+Arte-Cidadania», que reúne uma seleção de estratégias pedagógicas, já testadas, para a exploração (adaptada a cada contexto educativo) das grandes temáticas de Cidadania Global com base em práticas artísticas colaborativas e metodologias de ‘trabalho de projeto’. Este recurso visa a partilha dialógica de ideias e hipóteses que permitam a transformação e a re-criação de novas estratégias desafiantes, motivadoras e inovadoras, tanto para os estudantes quanto para os professores.

Acreditamos, com argumentos já comprovados, que quem faz a verdadeira inovação no ensino não são as ferramentas são sempre os professores. São os professores e investigadores que trabalham nas escolas, nas bibliotecas, nos museus, nos centros educativos e culturais, etc. que têm o Know-how, foram eles que nos trouxeram a sua experiência, que promoveram a discussão e a partilha de práticas, em intercâmbio com as propostas que levávamos às sessões

Confi-Arte. São as redes de profissionais e o trabalho desenvolvido pelas Associações (como a APECV) que enriquecem o conhecimento partilhado, colaborativo e internacionalmente dialogante.

Concluimos, citando António Nóvoa, que:

o mais importante virá da capacidade de conhecermos, de refletirmos e de partilharmos histórias que já existem. Isto é, de sabermos que em Portugal e no Brasil, e na China e em muitos lados, em África, há professores, escolas e comunidade que estão a fazer coisas extraordinárias, mas a que nós não damos muitas vezes a devida atenção. (Nóvoa, 2021)

O Confi-Arte aposta nessa atenção devida, na urgência de dar aos agentes educativos e culturais o papel preponderante da partilha; aposta no saber e na experiência daqueles que nos ensinam que, apesar das complexidades e das dificuldades de cada contexto real, é possível pensar com artes, é possível confiar na Educação como uma utopia (lugar artístico por natureza) tão necessária quanto exequível.

Referências

BCSD Portugal. (2022). Agenda 2030 - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. 17 objetivos para um mundo mais sustentável e justo. Agenda 2030 Para o Desenvolvimento Sustentável.

Conselho da União Europeia. (2012). Conclusões do Conselho, de 26 de novembro de 2012, sobre a literacia: Vols. IV-Infor (Issues C-393, pp. 1-4). União Europeia.

Deleuze, G., & Parnet, C. (2008). Diálogos. Relógio D'Água.

Delors, J. et al. (1996). Learning: the treasure within; report to UNESCO of the International Commission on Education for the Twenty-first Century.

Derrida, J. (1967). L'écriture et la différence. Éditions du Seuil.

Dewey, J. (1916). Democracy and Education. Macmillan.

Eisner, E. W. (2004). What Can Education Learn from the Arts about the Practice of Education? International Journal of Education & the Arts, 5(4).

Freire, P. (1985). Reading the World and Reading the Word: An Interview with Paulo Freire. Language Arts: Making Meaning, Learning Language, 62(1), 15-21.

Guilherme, M. (2023). Global debates, local challenges: the South talks back. Language and Intercultural Communication, 23(1), 7-22.

Maalouf, A. (2019). Le naufrage des civilisations. Grasset.

Nóvoa, A. (2021, June 25). «Aprendizagem precisa considerar o sentir.» Entrevista por Luciana Alvarez. Educação.

OECD. (2020). PISA 2018 Results. Are students ready to thrive in an interconnected world? Vol. VI. PISA, OECD Publishing.

Stiegler, B. (2018). Qu'appelle-t-on Panser? Au-delà de l'Entropocène. 1. L'immense regression. Les Liens qui Libèrent.

UNESCO. (2021). Reimagining Our Futures Together. A new social contract for education. UNESCO - International Commission on the Futures of Education.

United Nations. (2015). Transforming our world: the 2030 Agenda for Sustainable Development.